

Criação musical na sala de aula: práticas de ensino e a importância no processo criativo

Paulo Jeovani dos Santos Junior

Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP

paulo_jeovani@hotmail.com

Leonam Candido de Batista

Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP

leonambatista@hotmail.com,

Ailen Rose Balog de Lima

Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP

ailen.lima@unaspedu.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo dialogar sobre maneiras de trabalhar a criação musical nas aulas de música. Percebemos, a partir da leitura e reflexão de alguns músicos-educadores, dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Arte, na observação e reflexão dos trabalhos desenvolvidos no projeto PIBID-Música, do Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, que nossas atividades de musicalização normalmente se concentravam no estudo da música através da percepção, conceitos teóricos, ou o ensino da leitura de partitura. Em muitos momentos o fazer musical era trabalhado somente através de aprendizado de músicas folclóricas, ou sob a forma de interpretação de alguma peça em eventos sociais. Pouco trabalhamos com o potencial criativo que a música oferece para a faixa etária de idade escolar, no caso, o Ensino Fundamental I. Por esses motivos, buscamos uma maneira de desenvolver atividades que trabalhem a criação musical, a composição, a improvisação, de forma que o próprio aluno pudesse manipular os sons e criar sua própria maneira de fazer música, através do uso de recursos instrumentais, poemas e uso de software de gravação, como suporte para as atividades.

Palavras chave: Criação Musical; Educação musical; Composição e Improvisação.

1 Introdução

O trabalho com música em sala de aula está atualmente vinculado ao componente curricular Arte, seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais, conhecido como PCN – Arte (1997). A proposta do PCN - Arte se baseia na chamada “proposta triangular”, que consiste no apoio do programa de ensino de Arte nas quatro áreas de abrangência (música, artes visuais, dança e teatro), e em três abordagens para efetivamente construir conhecimentos em Arte: contextualização, fazer artístico e apreciação artística (1997). Dentro da área de música, o fazer artístico consiste na interpretação de músicas e na criação musical através da

improvisação ou mesmo da própria composição. Baseados nisso, nosso trabalho, patrocinado pelo Programa de Incentivo a Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tem por objetivo mostrar maneiras de trabalhar a criação musical, desenvolvendo nos alunos a capacidade de manipular os sons, dando a possibilidade de cada aluno fazer sua própria música e compreender melhor a música que estão ouvindo diariamente.

2 A importância de criar música em sala de aula.

Podemos dizer que sem composição não há Música. É a partir dela que se estruturam todas as outras vertentes de estudo em Música. Compor é a arte musical na qual o indivíduo se apropria dos sons de uma linguagem musical para criar sua própria música e assim comunicar suas ideias e vivências musicais. E da mesma forma, através das composições é que a linguagem musical se estabelece, por isso ela é de suma importância para a compreensão da arte musical e deve fazer parte no currículo escolar de Música. Schafer (1991) comenta que “nela [aula de música] deve haver um lugar, no currículo, para a expressão individual” (colchetes nossos).

A música e outras matérias artísticas já foram disciplinas a parte até os anos 70, quando foram substituídas pela Educação Artística, pela Lei de Diretrizes Básicas da Educação – LDB, que contemplava somente a arte visual e tendo a auto expressão livre e geralmente sem qualquer direcionamento, o popular “desenho livre”. Na década de 90, com novas Leis de Diretrizes Básicas da Educação, a Educação Artística, que era até então expressão livre, foi substituída pela disciplina Artes, que passou a ter conteúdos programados e um currículo organizado (1997), porém contemplando quase que exclusivamente as artes visuais. Depois, em 2008, o sistema passou por nova mudança e, atualmente, o sistema educacional brasileiro prevê que a disciplina Arte contemple as quatro áreas artísticas, a saber, música, artes visuais, teatro e dança. E a LDB – 11.769, de 2008, também consta que é obrigatório o ensino da Música na educação básica.

Pela história do ensino de Arte no Brasil, percebe-se que houve condições para que o ensino de artes visuais chegasse a uma estabilidade e organização hoje, principalmente no quesito fazer artístico, e como já está na educação brasileira há mais tempo está melhor estruturado, estando portando “à frente do ensino de música”, como aponta Schafer (1991), embora ainda tenha seus problemas. Embora atualmente existem iniciativas de educação

musical muito interessantes no Brasil que contemplam a criação musical no currículo, ainda não é tão comum. Em nossa observação, embora limitada, abrangendo apenas amostras da região que vivemos, percebemos poucas iniciativas nesse sentido, inclusive no nosso próprio projeto. Percebemos muito foco na interpretação (execução de peças), a teoria e percepção musical, atividades lúdicas, jogos, e o aprendizado da leitura da partitura. Schafer (1991) complementa dizendo:

Vejo a música como assunto fundamentalmente expressivo, como as demais artes, a escrita criativa, ou com vários tipos de fazer. Ela deveria ser assim, porém, com a ênfase dada à teoria, técnica e memória, a música torna-se predominantemente uma ciência do tipo acumulação de conhecimento. Enquanto encorajamos a auto-expressão nas artes visuais (e penduramos os produtos nas galerias de arte, como testemunho da percepção dos nossos jovens), o paralelo em música é em geral pouco mais que memorizar *Monkey in the Tree*, para alguma apresentação social de fim de ano.

Grandes avanços metodológicos têm sido feitos na prática do ensino de música de modo geral, mas é ainda é mais comum a expressão musical do aluno limitada a um fazer musical onde a interpretação de peças compostas previamente por músicos já reconhecidos é muito valorizada, principalmente para eventos sociais da escola, para fazer “vitrine” para os pais e a comunidade, e poucos currículos contemplam de fato a expressão artística musical e criativa do próprio aluno.

3 Conceituando

O PCN-Arte propõe o que é chamado de proposta triangular, na qual o aprendizado em artes se dá pelo *fazer, apreciar e contextualizar historicamente* a arte. Em música, o *fazer* se subdivide em *interpretar, compor e improvisar* (1997).

No PCN-Arte (1997), a composição musical descrita como a intenção do compositor, uma ideia musical, que só existe inicialmente na mente dele, completamente abstrata, e só passa a ser real quando, a partir de um projeto musical, quando há uma interpretação, a execução tocada ou cantada, se tornando de fato música.

Diferentemente, a improvisação é o momento de composição coincidindo com momentos de interpretação, segundo o PCN. Assim, improvisar é uma forma de criação musical espontânea, podendo ocorrer através do canto e mais comumente na prática instrumental. Uma improvisação pode se tornar uma composição no momento em que o

resultado sonoro da improvisação é memorizado, gravado, ou notado musicalmente (o projeto musical), de forma que seja possível reproduzir esse mesmo resultado sonoro (interpretação) em outro momento por outras pessoas.

O objetivo de se trabalhar com criação musical é dar subsídios e desenvolver atividades em que o processo criativo se dê através ou da simples improvisação dentro de um repertório já conhecido, ou pela própria composição do aluno, através da elaboração de ritmos, melodia e mesmo letras e pequenos poemas.

Já para Orff (1971), improvisar inclui, por exemplo, a criação de pequenos textos e poemas, nos quais é possível criar métricas, ritmos e melodias. Ele também se apropriou da ferramenta do instrumento musical como uma de suas bases metodológicas para um fazer musical mais prático e manipulável. Como sua pedagogia é voltada para crianças, cujas técnicas instrumentais geralmente não são apuradas, esses instrumentos precisariam ser simples, com uma mobilidade prática para uma sala de aula, sendo possível fazer música sem grandes dificuldades técnicas.

Nesse sentido, Orff contribuiu muito ao propor o uso de instrumentos musicais práticos para uma sala de aula como uma ferramenta para o ensino de música, se tornando muito importante quando se trata de criação musical, pois possibilita a manipulação do som de forma que o aluno tem em suas mãos inúmeras possibilidades musicais, com um instrumento de fácil acesso e de simples execução, facilitando o processo de criação.

4 Criação musical na prática

Na realidade das salas de aula percebemos, em nossas observações, que a criação, sobre qualquer aspecto, normalmente não era trabalhada. E notamos, por exemplo, que, nos outros conteúdos ensinados pela professora regente, o objetivo é fazer com que os alunos compreendam o assunto, saibam a respeito, mas não criem a partir desse conhecimento. A grande importância na criação artística e musical está em fazer com que os alunos exercitem a criatividade e com esse objetivo traçamos um planejamento onde cada aluno pudesse exercitar o fazer musical criativo.

Nas primeiras semanas planejamos nossas aulas de maneira a levar os alunos a compreenderem que podem criar música por eles mesmos. Assim, inicialmente, as atividades propostas tinham um fazer musical direcionado, no qual os alunos, com parâmetros musicais

estabelecidos pelo professor, pudessem fazer sua parte na construção da música. Foi trabalhado cânones rítmicos e melódicos com músicas infantis e folclóricas, (como “Meus Dedinhos” e “Sapo cururu”) para que os alunos percebessem a diferença entre um poema falado e cantado e trabalharam ritmos e suas possíveis estruturas em ostinatos e parlendas. As cantigas serviram também de base para que os alunos compreendessem melhor a estrutura, tanto musical, quanto poética, das composições.

Foi necessário, no início das atividades, de que fosse feito um trabalho de concentração com as turmas, pois como várias atividades foram feitas com toda a sala, seria importante ensiná-los a ter concentração e atenção para que tocassem ou cantassem juntos. Para a atividade de concentração e silêncio na música, apresentamos a música 4’ 33”, de John Cage, dialogando sobre a ideia do silêncio e sua importância no fazer musical.

Como trata-se de uma escola pública, onde geralmente a família do aluno tem renda baixa e o ensino público também não dispõe de tanta verba, desenvolvemos e construímos com os alunos instrumentos musicais de sucata, aliado a bandinha rítmica adquirida pelo projeto PIBID, nos ajudaram a ter um instrumental para nos auxiliar.

Já com instrumentos em mãos, e uma introdução direcionada para o fazer musical, passamos então ao fazer musical livre. Nesse ponto entrou a criação de ritmos e melodias, primeiro através de poemas infantis depois com poemas feitos ou pesquisados por eles. Foi usada também música folclórica como base melódica para a improvisação com instrumentos.

Os resultados foram bem interessantes e como incentivo do processo de amadurecimento das criações feitas, fizemos então um registro de gravação em áudio em um software gratuito de edição de som. Uma das ideias foi simular um processo profissional de gravação musical, no qual os músicos gravam quase sempre em momentos e lugares diferentes a mesma música. Utilizamos como material musical a música folclórica “Sapo Cururu”, na qual cada turma ficou responsável por realizar uma parte do processo de gravação criando um ritmo com a bandinha de sucata para o acompanhamento da música. Na edição, juntamos essas gravações em um único projeto, sincronizamos e o resultado é uma música gravada pelas três turmas.

5 Resultados

Nas primeiras aulas tivemos duas principais dificuldades: concentração e compreensão de como funciona o processo de criação. Levamos os alunos a entender o papel do músico na execução da música para que assim eles conseguissem se concentrar ao que estava sendo criado. Foi mostrado como se dá a dinâmica de uma apresentação através de um vídeo de uma orquestra mostrando desde a afinação dos instrumentos, a entrada do maestro, o silêncio da plateia ao começar a peça. Assim, os alunos puderam perceber como é imprescindível a atenção e a ordem para se tocar em grupo.

Para que eles entendessem como se dá o fazer musical, as aulas com elementos musicais direcionados foram importantes. Nessas atividades, nós procuramos inserir elementos rítmicos ou melódicos em poemas e canções, e mostramos também como que uma canção é “construída” pelo autor a partir do poema (letra), para que eles pudessem fazer releituras de poemas, “construindo” a música pelo mesmo processo apresentado. Trabalhamos com a música “A casa” de Vinícius de Moraes; primeiro, mostramos apenas a letra e depois mostramos como ela é cantada. Assim é possível perceber a estrutura do poema quanto a rimas e a estrutura musical e prosódia ligadas a melodia.

Uma dificuldade que enfrentamos foi o fato das crianças não saberem diferenciar o canto da fala. Em uma atividade, ao pedirmos para elas lerem um texto de forma cantada, muitos alunos somente leram, porém imaginando que estavam cantando. Quando solicitado que cantasse ao invés de somente ler, muitos se mostraram confusos pois acreditavam de fato estar cantando. Assim, tivemos que trabalhar a diferença entre um texto falado e um texto cantado, este último tendo em si elemento de diferenças de altura que seguem uma linha melódica, ensinando assim o conceito de melodia, que era desconhecido até então para eles.

Especificamente na atividade de criação de poemas e melodias, após a exemplificação de como realizar essa atividade, os estimulamos a criarem seus próprios versos e poemas, e após isso colocar uma melodia neles. No início, como já citado, houve problemas com o conceito de melodia, mas aos poucos boas composições foram aparecendo, e à medida que eram criadas, eram registradas em gravação. Interessante foi notar que muitas melodias possuíam, em uma análise mais atenciosa, referências de estilos comuns ao repertório deles, como muitas melodias que pareciam muito com cantigas folclóricas ou mesmo com melodias do forró, muito comum de se ouvir ao redor do bairro da escola.

É muito importante para a criação musical, que o aluno compreenda a estrutura que já existe ao se criar, como nossos alunos já estavam um pouco mais familiarizados com as construções rítmicas e melódicas ensinadas no fazer musical direcionado, eles já de início criaram com um pouco de lógica musical. Mas a cada aula fomos mostrando como as melodias podiam ser trabalhadas e nos registros de áudio é perceptível a melhoria nas criações dos alunos. A criação dos seus próprios poemas e suas melodias foi onde eles puderam trabalhar o aprimoramento de suas criações.

As criações rítmicas também tiveram melhorias no decorrer das aulas. Inicialmente os alunos reproduziam ritmos apenas a partir do que lhes foi ensinado, mas com o fazer musical livre eles começaram a inventar seus próprios ritmos. Fizemos atividades onde cada um, a partir de um ostinatos, pudesse criar seu ritmo com os instrumentos de sucata e eles também fizeram acompanhamentos de músicas folclóricas, infantis e de suas criações de melodias.

A experiência que os alunos já têm com música também foi determinante para o rendimento em sala de aula. A escola faz parte de programa PIBID - Música desde o segundo semestre de 2011 e as turmas na qual estivemos trabalhando estão conosco desde o início do ano. Podemos notar na questão do fazer musical, direcionado ou livre, que quanto mais os alunos tenham tido contato com os outros aspectos da proposta triangular (apreciar e contextualizar), mais consistente se torna o fazer e em nosso programa de ensinos sempre estivemos baseados em tal proposta.

No fazer musical percebemos que os alunos são criativos e no decorrer do semestre estavam empenhados em fazer músicas cada vez mais bem produzidas e com boa estética. Nas gravações, é possível ver que eles melhoram suas criações e também nas atividades em sala os alunos demonstraram melhorias na estruturação de seus improvisos e composições.

6 Conclusão

No planejamento curricular de música a criação musical em sala de aula exerce papel fundamental no processo de aprendizado do aluno. Tal proposta tem importância porque estimula o aluno ao fazer criativo, desenvolvendo diretamente a criatividade e proporcionado que ele possa, não só entender e apreciar a música, mas fazer e criar música, manipulando elementos sonoros. Através desse processo de criação, ele mesmo pode se expressar e

compreender melhor as manifestações e interpretações musicais a sua volta. O aluno, em contato com a auto expressão em música através da composição, compreende que a música é algo manipulável, dinâmico, acessível, e entende que a música não é privilégio de poucos. O aluno é levado também a compreender melhor os processos e motivos que levam cada compositor a fazer sua música desta ou aquela maneira. Há um notável crescimento no senso crítico do aluno em relação à música feita a sua volta, comum ao seu cotidiano.

Referências

CHAMARELLI, Renata. *Lei torna ensino de música obrigatório nas escolas*. Portal do Professor, MEC. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=326>>. Acesso em 27 out. 2013

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais : Arte. Comunicação e Expressão em Música: Interpretação, Improvisação e Composição*. Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 27 out. 2013.

ORFF, Carl. *Música Elementar: Obra Escolar – visão retrospectiva e perspectiva*. Revista Humboldt, Bonn: Inter Naciones, 1971.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.